

AS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR? UM ESTUDO DESCRITO EM JOVENS BRASILEIROS

2011

Nilton S. Formiga

Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor no curso de Psicologia na Faculdade Mauricio de Nassau (Brasil)

Gerônimo Lucena de Sá

Bacharel em Filosofia. Atualmente é aluno do curso de Psicologia da Faculdade Mauricio de Nassau (Brasil)

Sebastiana da Mota Barros

Durante o desenvolvimento do estudo, a autora era aluna no curso de Pedagogia na Ulbra (Brasil)

E-mail:

nsformiga@yahoo.com

RESUMO

De forma geral, a educação tem a característica de transmitir saberes formulados ao longo da história. Pesquisadores das ciências humanas e sociais debatem a possibilidades de reformulações educacionais e mudanças no que diz respeito ao ato de educar, as quais enfatizem as causas da evasão escolar. Frente a tal problema, autoridades e pessoas que estão envolvidas no processo educacional, intervêm a fim de erradicar esse fenômeno exige-se que se cumpra juridicamente: é obrigação da escola, notificar, ao Conselho Tutelar, Juiz da Comarca e ao Ministério Público, frequência dos alunos acima de 50% das faltas, considerando o percentual permitido por lei. Tudo isso, é responsabilidade da escola caso não ocorra. Sabe-se que tais atitudes ainda não são suficientes, pois o número de crianças e jovens fora da escola ainda é muito alto. Desta forma, o presente estudo pretende avaliar os motivos e causas da evasão escolar em alunos, de uma escola pública brasileira, que estão, de acordo com os responsáveis da escola (por exemplo, diretoria, coordenadores, professores), a mais de sessenta dias fora da escola.

Palavras-chave: Evasão escolar, jovens, Brasil

INTRODUÇÃO

Na visão mais tradicional, a educação é concebida um transmitir dos saberes formulados ao longo da história, cabendo ao educando as funções de memorizar e reproduzir esses saberes. Mas do que isso, profissionais das ciências humanas e sociais, independente da evolução e avanço das teorias e práticas pedagógicas e suas novas perspectivas quanto às reformulações educacionais e mudanças no que diz respeito ao educar, tem enfocado um grande problema: as causas da evasão escolar.

Tanto na mídia quanto em observações cotidianas, discute-se sobre os motivos que os alunos têm em relação à frequência escolar com assiduidade. Esse fato, ainda muito primário, parece não ter uma resposta definitiva. Não se trata apenas do déficit de aprendizagem, dificuldades econômicas e motivacionais; seja quanto aos métodos utilizados pelos professores ou em relação ao próprio significado que a educação tem para esses jovens.

Educação é mais do que simplesmente estar na escola, ler, escrever etc., segundo Formiga (2002; Formiga, Queiroga & Gouveia, 2001) apesar das diversas especulações feitas em torno da dificuldade de instruir e a formação social dos jovens; principalmente, no que se refere ao conhecimento qualificado que venha trazer não somente a construção da moral e do comportamento individual e social juvenil reflete-se, tomando como direção à nova LDB (2000; MEC, 2001), que a educação e o indivíduo, em seu conceito mais amplo, têm como objetivo, uma formação cidadã.

Nesta perspectiva, o problema da evasão escolar, possivelmente, esteja centrado na deficiência da conscientização da cidadania, seja por parte da família ou pelo próprio aluno. Ser cidadão não é simplesmente exigir direitos, mas também, cumpri-los e os fazer com dignidade e coerência. Neste caso, o aluno que ‘abandona’ a escola, nega ou rejeita qualquer oportunidade de sucesso e formação cultural, mas também, de tornar-se capaz de inter-relacionar com as pessoas das mais diversas formações e comportamentos, fazendo-o aprender a lidar com o mundo e suas complexidades, sendo cidadão.

A EVASÃO ESCOLAR: REFLEXÃO DE UM PROBLEMA SÓCIO-EDUCACIONAL.

A evasão escolar é um problema que a educação brasileira vem enfrentando há muito tempo. Sabe-se que há um esforço das autoridades e de pessoas que estão envolvidas no processo educacional, em busca de soluções que erradiquem o fenômeno da evasão escolar, por exemplo:

é obrigação da escola, notificar, ao Conselho Tutelar, Juiz da Comarca e ao Ministério Público, frequência dos alunos acima de 50% das faltas, considerando o percentual permitido por lei. Tudo isso, é responsabilidade da escola caso não ocorra. Sabe-se que tais atitudes ainda não são suficientes, pois o número de crianças e jovens fora da escola ainda é muito alto.

É importante notar que a preocupação em relação à evasão escolar objetiva corrigir o fluxo de alunos evadidos de determinadas escolas a fim de oportunizar o sucesso escolar do mesmo e minimizar os índices de repetência. Segundo Valente (1995), bem como, de acordo com Inoue, Migliori e D'Ambrosio (1999), a falta de valores e a confusão de papéis entre a escola e a família quanto a realidade desses dois ambientes frente à formação dos jovens para uma orientação valorativa e comportamento social para um rendimento escolar desejável e destinado a uma organização cultural e intelectual.

Assim, a partir da reflexão exposta no parágrafo acima é possível compreender que o aluno está buscando na escola, também, carinho, respeito, esperança, compreensão, oportunidade, amizade verdadeira, limites coerentes muitas vezes não encontrados no seu ambiente familiar, seio e base de toda a formação de um ser humano. Mas, também, outra parte desses jovens, provavelmente, por apresentar maior equilíbrio psicossocial, busca, em primeiro plano, o conhecimento e sua aplicação a vida social e profissional.

Apesar de tantos problemas humanos e sociais frente a esse fenômeno, percebe-se um esforço em busca de soluções, mas, não se define com clareza de quem é a responsabilidade. Acredita-se que, tanto a sociedade quanto à escola e a família, devem unir forças e lutarem juntas para encontrar uma resposta para tal problema, deixando de insistir na busca do culpado, mas, juntos se responsabilizando pelas respostas e aplicação desta na melhoria do rendimento escolar e enriquecimento intelectual (Formiga, 2002).

Partindo desse pressuposto, considera-se algumas propostas: (1) trazer os pais para dentro da escola como aliados, apoiando –se naqueles que já fizeram de sua presença na comunidade uma prática; (2) intervir nos valores humanos dos pais, filhos e professores para que possa convergir numa formação humana baseada na necessidades (Formiga, 2001; 2002)

A escola precisa aprender a mover-se em outros espaços, sem fazer da sala de aula a única passarela em que desfila o conhecimento; por outro lado, os educadores, necessitam transgredir as fronteiras entre as disciplinas, mas, para isso, é preciso que haja uma formação humanista, que contemple uma filosofia de vida e científica, aplicada na vivência da sala de aula.

Se isso é verdade, para um aluno com uma trajetória regular de estudo, torna-se particularmente relevante quando se tratar de alunos desfavorecidos, já discriminados e marginalizados pela estrutura de ensino vigente, pois, nesse caso, faz-se necessária uma atuação pedagógica intensa sobre a diferença entre a dificuldade que tais alunos enfrentam em sua trajetória geográfica e política no contexto escolar, de forma que o mobilize novamente para o conhecimento, estimulando sua autonomia e auto-confiança na capacidade de aprender. Para

Setubal (2001; 1997), a escola deve promover um ambiente acolhedor, que facilite a permanência e o sucesso do aluno na escola. É que, sem dúvida, uma melhor forma de escutar o que o aluno tem a dizer (especialmente, o seu dito sobre o não aprender ou aprender errado), abrindo espaço para uma gestão democrática, ou seja, dando lugar a todos, para que possam ter a palavra e se sentirem responsáveis pela escola, pelo o ensino e pela aprendizagem.

A luta pela democratização do ensino faz parte de uma luta maior para transformar a situação de desigualdade social dos pais e ao mesmo tempo exigir uma reflexão profunda que indique as condições cotidianas que, às vezes, contribuem para a exclusão dos alunos do sistema regular de estudo. Desta forma a escola precisa reconhecer a realidade do seu aluno para melhor atender suas expectativas e inseri-lo, motivacionalmente, na dinâmica e sucesso escolar.

Ainda de acordo com Setubal (2001; 1994) na maioria das vezes a escola não trata os currículos de forma diferenciada, neste momento predominam-se em cada aluno as diferenças individuais, culturais, suas necessidades, suas experiências de vida, enfim, valores gritantes que irão influenciar no momento do aprendizado.

Frente a tal situação, é possível observar o quanto é difícil para o professor fazer uma avaliação que contemple as diferenças individuais de cada aluno, seu ritmo de aprendizagem e suas necessidades diferenciadas das dos demais. Teoricamente, sabe-se que as diferenças, o ritmo e as necessidades de cada aluno são aspectos elementares para se fazer uma avaliação justa, ou seja, que respeite as características inerentes à condição humana.

A avaliação deve ser um momento de revisão de métodos e de oferecimento de nova oportunidade para o aluno consolidar suas aprendizagens, tendo em primeiro lugar, a sua satisfação pelo estudo, ao invés do descaso e abuso por tal atividade. Para isso, é importante ter a família com um sustentáculo entre o estudante e a satisfação escolar, ela é o complemento do que se trabalhou na escola.

FAMILIA E EVASÃO ESCOLAR

Segundo Aries (1991, citado em Valente, 1995) a família é o melhor lugar de abrigo para o indivíduo ameaçado, mas, logo ao passar o perigo eminente ou um período de enfraquecimento, os laços familiares se afrouxam e o sujeito vai buscar no Estado às condições que garanta os seus direitos como cidadão.

O fato é que a escola não pode fazer tudo sozinha, o problema da evasão escolar não é tarefa de uma única instituição social, mas da nação como um todo, através da definição de um projeto político, econômico e social, que vise à melhoria das condições de vida da população e seu acesso aos bens socialmente produzidos, incluindo o conhecimento elaborado.

De forma geral, é papel das comunidades locais, das famílias e das escolas participarem nas decisões relativas aos rumos, diretrizes e organizações de suas escolas, como forma de garantir uma educação de qualidade que possa ter continuidade, mesmo com as mudanças que ocorrem no quadro político. Portanto a família precisa tornar uma posição diante da aprendizagem escolar, questionar a posição dos educadores, sair do lugar de sujeito passivo e ocupar o lugar do sujeito que escolhe, questiona, com conhecimento dos vários aspectos envolvidos na situação que se apresenta.

No entanto, ao se refletir um pouco, verifica-se que as ações sociais mais amplas se sustentam nas ações individuais. É através das relações entre as pessoas, no seu cotidiano, que se cristalizam ou se modificam hábitos, atitudes e valores. Daí a importância da família na aprendizagem escolar. De acordo com Valente (1995), as etapas deste processo são fundamentadas na troca de experiências. Nessa vertente o ensino é ancorado no poder de autoridade paternal. Então é fundamental discutir e refletir sobre o quê e como se está ensinando e sobre a importância ou relevância desses conteúdos e formas de atuação para a compreensão de mundo dos alunos. Só assim os professores poderiam planejar sua ação na sala de aula com maior clareza dos pontos de partida e de chegada para a formação intelectual.

Isto pode revelar ao professor, a necessidade de estar constantemente aprimorando os métodos de ensinar que garantam a articulação entre a vida escolar e a realidade social. Na base das decisões metodológicas estarem dirigidas ao professor, ele, enquanto mediador entre a experiência imediata do aluno e os conteúdos socialmente elaborados, é responsável pela participação ativa do jovem no processo de aprendizagem.

Percebe-se que há uma grande necessidade de abrir um 'leque' entre escola, família e aprendizagem, buscando assim melhor organização nas ações alternativas para a superação da evasão escolar e da reprovação indesejada e não se esquecer de uma discussão fundamental, que são as causas dos preconceitos em relação ao aluno carente de aprendizagem. É preciso que a escola busque uma forma de orientar os pais e não desorientá-los. Sabendo que a escola tem um papel educativo junto às famílias, o qual, busca ajudá-los na educação de seus filhos e na melhoria de vida, ela tem, exclusivamente, a responsabilidade de orientá-los para um melhor caminho, podendo até, se possível for, trabalhar os fatores relacionados à melhoria da saúde do aluno e a motivação pela a educação.

FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A EVASÃO ESCOLAR

A escola pública brasileira, atualmente, mantém inalterado o alto índice de evasão escolar. A luta em favor da escola pública se faz necessária para diminuição das diferenças entre as classes sociais. Nota-se que os fatores que mais contribuem para a evasão escolar são os de natureza social, econômica e familiar, ou ainda, a falta da integração escolar e da comunidade,

dos pais e dos professores, de associações permanentes na escola, de um sistema de avaliação fora da realidade dos alunos, da falta de companheirismo entre docentes e discentes, entre outros.

Sabe-se que a escola é lugar de aprendizagem, portanto, o erro é aceito como parte do processo desta. Não se pode então castigar o aluno com a reprovação pelo que ele não sabe ou não conseguiu assimilar. Diante dessas condições, a reprovação, pelo simples reprovar, é uma injustiça; este fato se deve porque o não saber aluno é muitas vezes resultado de um processo de ensino inadequado ou de acomodação falha e limitada por parte da escola ou do sistema de ensino em sua totalidade e integralidade, desde o projeto educacional, passando por sua execução até chegar aos docentes. É preciso estar atento à realidade de vida do aluno para efetuar o ensino na sala de aula capaz de fazê-lo aprender e aplicar a sua vida.

Assim, ressalta-se que a reprovação injusta contribui muito para a evasão escolar. Outro motivo que agrava ainda mais esta situação são os famosos rótulos (estereótipos) que passam a ser usados para identificar o aluno reprovado tais como: "imaturo", "atrasado", "lento", "repetente", etc. Outros agravantes que contribuem são as ameaças e castigos que os alunos recebem dos pais.

Ao se interessar, verdadeiramente, por educar jovens, é necessário que se deixe de impor arbitrariamente as nossas vontades, cedendo a vez para a vontade do outro, ou pelo menos, escutando a vontade dele. É preciso que o professor deixe de se julgar o dono de uma verdade, de ter a "sua idéia" realizada e admirada para ser aquele que é capaz de se integrar as idéias de outrem. Assim, é necessário dar lugar a idéia do aluno, deixar que eles reflitam, mas, com o educador orientando.

É fundamental que os alunos passem pela experiência de verem realizadas as suas idéias e vontades, assim, eles perceberão que estão sendo valorizados e não irão evadir da escola com facilidade, fazendo-os acreditarem que tem competência e que o que pensa tem algum fundamento para sua dinâmica social. Sendo assim, são capazes de se organizarem, de manifestar seus desejos, de participarem e/ou de contribuírem ativamente do processo da aprendizagem e da mudança social. Cabe a escola, juntamente com os órgãos estaduais ou municipais de educação, buscar atender às necessidades mais específicas; conhecer suas experiências culturais, valorizar as iniciativas, discutir a questão do ensino e da evasão escolar com a equipe pedagógica da escola, com a família e a comunidade.

Para Setubal (2001; 1997; 1994; Formiga, 2002), os jovens buscam relações com a escola, fazendo da mesma um lugar de apoio, onde encontre respaldo para suas necessidades sociais e individuais. Mediante tal afirmativa, é possível elencar alguns fatores que, provavelmente, poderão contribuir para evasão escolar: o preconceito em relação à capacidade de aprendizagem, a linguagem, hábitos, comportamentos, modos de vestir e de se alimentar, a condição socioeconômica, entre outros.

Há os que atribuem as causas da evasão ao método de ensino sistema de avaliação, capacitação do professor, relação professor e aluno. De forma geral, precisa-se estar atento à realidade de vida do aluno para efetuar o ensino na sala de aula, levando em conta que esse aluno vive na escola a extensão do que vive na sua família.

EVASÃO ESCOLAR UM PROBLEMA SOCIAL

A evasão escolar é um problema complexo e se relaciona com outros importantes temas da pedagogia, por exemplo, as formas de avaliação, reprovação escolar, currículo e disciplinas escolares. Para combater a evasão escolar é preciso atacar em duas frentes: uma de ação imediata que busca resgatar o aluno "evadido" e a outra de reestruturação interna que implica na discussão e avaliação das diversas questões citadas acima.

Além disso, em parceria com o poder judiciário é importante realizar campanha de esclarecimento, mostrando que o estudo formal é um direito da criança e do adolescente e que, o responsável pode inclusive responder "processos por abandono intelectual" quando seus filhos evadem dos bancos escolares. Com os Conselhos Tutelares, é importante realizar projetos de complementação de renda e acompanhamento psicológico, para que esse aluno permaneça na escola e consiga desenvolver bem a sua aprendizagem.

Evasão Escolar e Exclusão Social

A Evasão Escolar, na maioria das vezes, é fruto da *exclusão social*; exclusão essa, que tem sido utilizado como um conceito bastante amplo para designar diferentes situações: os homens e as mulheres "*sem emprego*", "*sem teto*", "*sem terra*", "*sem educação escolar*", "*sem saúde*", "*sem lazer*", etc. É um tema presente não somente no debate sobre as diferentes questões sociais, mas principalmente quando nos referimos à Evasão Escolar. Os estudos sobre exclusão, de forma geral, analisam a ausência da escola na vida dos seres humanos, mas parece-me que pouco analisa como e o quê constitui as situações de Evasão Escolar.

De acordo com Pimenta (1995), alguns alunos vão para as salas de aulas cansados, com fome, com sono, com a mínima disposição para iniciarem seus estudos, isso acontece porque eles precisam trabalhar para ajudarem na renda familiar e acabam desistindo de estudar devido ao estresse". Isso reforça a concepção de que o mau aproveitamento, ou o mau rendimento escolar, dos alunos da camada popular eram justificados, pela posição social do corpo discente.

Diretores e professoras se diferenciavam quanto às interpretações sobre as prováveis causas das dificuldades de escolarização de alunos pobres. A diretora atribuía a responsabilidade pelos resultados da aprendizagem às professoras, argumentando que "*elas têm má vontade, não gostam de dar aula*". Para parte das docentes a responsabilidade era das famílias e das crianças que "*não*

querem estudar, não se esforçam, não possuem capital cultural, as mães não se interessam, etc". E enfim, a responsabilidade do "fracasso" escolar dessas crianças era jogada de mão em mão e contribuía para a Evasão Escolar.

Não se nasce excluído, não se está sempre excluído. A exclusão tem relação com trajetórias de vida diferentes, nas quais relações étnicas, raciais, de gênero, de classe, entre outras, são importantes. É necessário entender quais são os processos que atravessam a vida das instituições educacionais, e nestas, compreender o que provoca situação de exclusão. A Evasão Escolar é uma tarefa importante para a busca de solução na pedagogia, na sociologia da educação, na psicologia da educação e da aprendizagem, etc., analisando como se desfaz os processos educacionais, que garantam uma escolaridade significativa para as crianças e jovens e reduza substancialmente a Evasão Escolar.

Desta forma, o presente estudo, tem como objetivo avaliar os motivos e causas da evasão escolar em alunos, de uma escola pública brasileira, que estão, de acordo com os responsáveis da escola (por exemplo, diretoria, coordenadores, professores), a mais de sessenta dias fora da escola.

MÉTODO

Amostra

20 sujeitos responderam os instrumentos, destes 10 freqüentavam a escola e 10 não freqüentava a escola a mais de seis meses. Os respondentes foram do sexo feminino e do sexo masculino, de 15 e 35 anos ($M = 18,75$ $DP = 4,42$), predominando a participação de mulheres (55%). No que diz respeito a renda familiar, 75% se encontravam ganhando abaixo de 500,00 R\$. Tal amostra foi não probabilística, e sim intencional, pois o objetivo era comparar os motivos que levaram os sujeitos deixarem a escola.

Instrumentos

Os participantes responderam um instrumento composto das seguintes medidas:

Escala de preocupação grupal em relação ao jovem. Este instrumento compreende uma medida avaliativa da percepção dos sujeitos quanto a preocupação que a família, a escola e os seus amigos tem com ele. Tal medida é composta por cinco elementos, que avaliam o grau de satisfação que o sujeito tem com alguns grupos que ele vive diariamente. Para isso, utilizava-se uma escala de resposta com seis pontos, tendo os seguintes extremos: **0** = pouco preocupada terrível a **4** = Muito preocupado.

Escala de identificação endogrupal. Este instrumento avalia a convivência diária destes jovens com: família, familiares, companheiros, vizinhos e professores. Os sujeitos deveriam assinalar, marcando através de um círculo ou **X** numa escala de cinco pontos, variando de **0 Não me Identifico totalmente** a **5 Identifico-me totalmente**.

Caracterização Sócio-Demográfica. Foram elaboradas perguntas que contribuíram para caracterizar os participantes deste estudo (por exemplo, sexo, idade, estado civil, classe social).

Procedimento

Para sua aplicação, inicialmente o responsável pela coleta dos dados visitou a coordenação ou diretoria da instituição de ensino a qual estava realizado estágio supervisionado, falando diretamente com os diretores e/ou coordenadores para depois tentar a permissão junto aos professores responsáveis por cada disciplina, procurando obter sua autorização para ocupar uma aula e aplicar os instrumentos.

Procurou-se na mesma escola, obter informação a respeito dos alunos que não estavam na escola há mais de 30 dias. Para isso procurou saber o endereço destes para aplicação do instrumento, o qual foi feito individualmente no próprio local que este se encontrava. Para ambas as amostras, foram-lhes expostos sumariamente os objetivos da pesquisa, solicitando sua participação voluntária. Um único aplicador, previamente treinado, esteve presente em sala de aula e na coordenação dos professores. Assegurou-se a todos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas, indicando que estas seriam tratadas estatisticamente no seu conjunto.

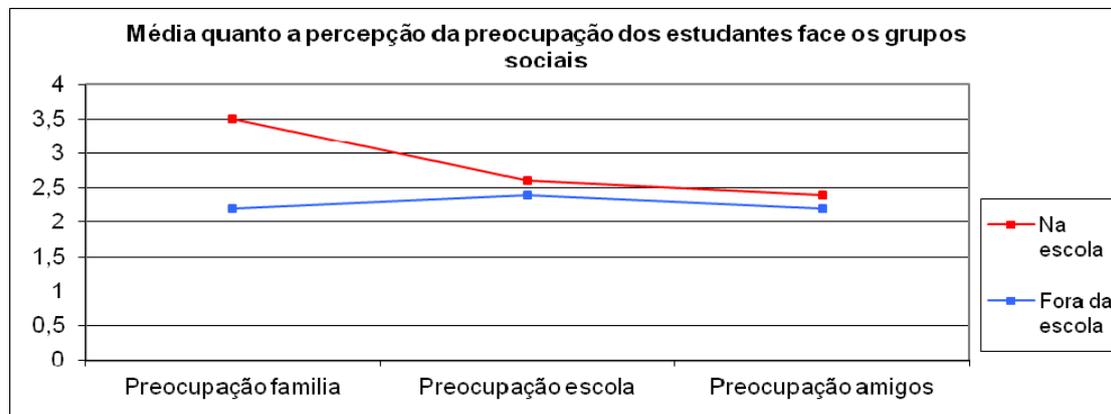
Tabulação e análise dos dados

No que se refere à análise dos dados desta pesquisa, utilizou-se a versão 8.0 do pacote estatístico *SPSS para Windows*. Foram computadas estatísticas descritivas (tendência central e dispersão) e correlação de *spearman* (ρ , rho).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pretendendo atender ao objetivo geral proposto neste trabalho, o qual, foi conhecer os motivos, bem como, avaliar a relação dos motivos que levaram os alunos deixarem a escola. Inicialmente, efetuou-se uma análise descritiva quanto à preocupação da família, escola e amigos, para isso, utilizou-se uma média (gráfico 1).

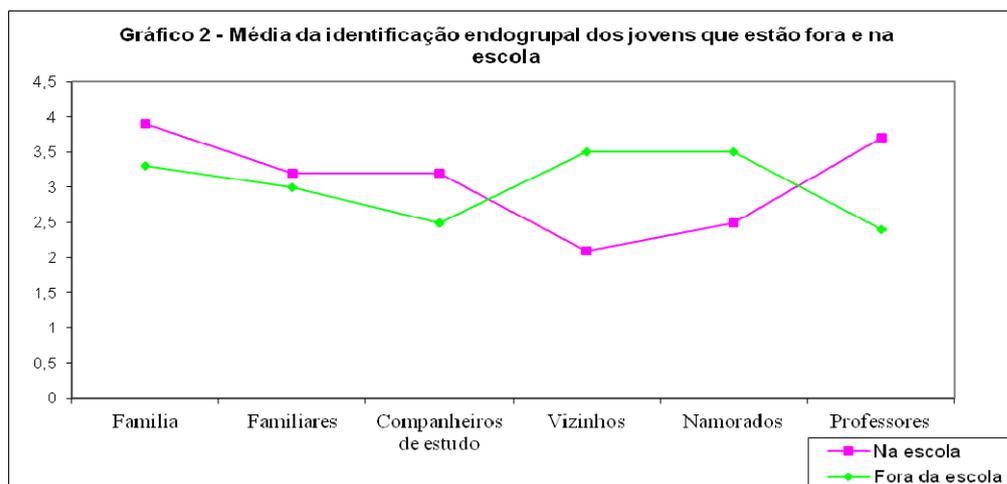
Gráfico 1: Pontuação média sobre a percepção da preocupação dos estudantes face aos grupos sociais.



No gráfico 1 é possível observar que os alunos que estão na escola, à percepção que estes tem é bastante positiva quanto à preocupação dos grupos de convivência diária sobre sua permanência na escola; por outro lado, aqueles que estão fora da escola, as médias de respostas se mostraram bem menor, isto é, para estes jovens, tais grupos pouco se preocupam com eles.

Da mesma forma, um dos critérios defendidos atualmente, é a importância da família e da escola quanto ao êxito do aluno, consecutivamente, sua permanência na escola levaria a evolução no estudo. Para Formiga (2002), a identificação endogrupal é de extrema importância na melhor assimilação e articulação dos conhecimentos e motivações dos alunos quanto ao mantimento na escola, com isso, resolveu observar a média que tanto alunos que estão fora quanto os que estão na escola se identificam com estes grupos diários, os quais vão desde a família aos professores.

Gráfico 2: Pontuação média da identificação endogrupal dos jovens que estão frequentam e não frequentam a escola.



No gráfico 2 é possível observar tais resultados destacados no parágrafo anterior. Nota-se que as médias da identificação dos alunos com seus grupos diários é bem maior do que a média de resposta dos jovens que estão fora da escola; inclusive e, principalmente, com a família e os professores. Parece ser compreensível que o fator afetivo dos alunos que estão na escola, em relação aos grupos que caracterizam o centro da socialização e intelectualidade (família e professores) é bem maior e parece construir uma distancia social menor do que os jovens que não frequente a escola. Um fato que merece ser refletido está no que diz respeito à participação destes alunos com seus grupos, levando a crer que na escola também se faz amizade.

O próximo passo tratou-se de efetuar uma correlação entre a preocupação dos grupos para com os alunos e a identificação endogrupal com a amostra geral. Assim, a partir de uma correlação de Spearman, os resultados foram os seguintes, todos significativos: quanto ao grau de preocupação tido pela família observou-se uma relação direta com a identificação da família ($\rho = 0,30$) e com os familiares ($\rho = 0,44$); da preocupação da escola encontrou-se uma correlação com a identificação com a família ($\rho = 0,27$) e com os professores ($\rho = 0,53$), e por fim, no que diz respeito à preocupação dos amigos observou uma relação com a identificação com a família ($\rho = 0,27$), com os familiares ($\rho = 0,36$) e com os companheiros de estudo ($\rho = 0,27$) (ver tabela 1).

Tabela 1. Correlação da preocupação dos grupos sociais e a identificação endogrupal dos jovens.

Preocupação	Identificação endogrupal				
	Família	Familiares	Companheiros de estudo	Vizinhos	Professores
Família	0,33*	0,44*	-----	-----	-----
Escola	0,27*	-----	-----	-----	0,53*
Amigos	0,27*	0,36*	0,27*	-----	-----

Notas: * $p < 0,05$.

A partir desses resultados gerais, resolveu-se efetuar uma nova correlação, porém considerando os grupos separadamente: os alunos que estão na escola e os que estão fora. Desta forma, é possível observar, no que diz respeito aos alunos freqüentes na escola e a relação entre preocupação dos grupos e a identificação endogrupal encontrou-se relação apenas entre a preocupação da escola e a identificação com os professores ($\rho = 0,56$). Já para os alunos que estão fora da escola, a preocupação da família relacionou-se com a identificação com a família ($\rho = 0,60$) e com os familiares ($\rho = 0,77$); já no que diz respeito a preocupação da escola correlacionou-se com a identificação com a família ($\rho = 0,59$), com os companheiros de estudo ($\rho = 0,62$) e com os professores ($\rho = 0,64$).

Partindo desses resultados é possível perceber o quanto tem mudado não somente o interesse da família e a preocupação a formação educacional do seu filho, bem como, a preocupação a escola. Isto vem comprovar as novas intervenções e ações promovidas pelo governo e sociedade, no que diz respeito à inserção dos jovens na escola e sua eficiência escolar.

Tais implementos efetivam tanto uma participação do aluno quanto um resgate de sua autoimagem; observando o gráfico 1, nota-se o quanto o aluno que está na escola percebe-se que os outros têm uma preocupação com ele o que não ocorre com os que estão fora da escola, as médias foram sempre baixas. Desta forma, a escola é, e parece ainda ser, um ponto de apoio na construção de uma identidade e formação sócio-afetiva desses jovens.

Da mesma forma, observando o gráfico 2, a identificação desses garotos que freqüentam assiduamente a escola com os grupos de convivência diária, apresentou médias bem mais altas do que os que não freqüentam. Vale destacar que os sujeitos que estão fora da escola se identificam mais com os grupos não institucionalmente produtivos para uma eficiência escolar, neste caso namorado (a) e vizinhos. Porém os grupos família e professores mostram uma média baixa em relação a esses sujeitos, o que parece não ser muito bom, pois tais grupos são a base para estrutura e interesse escolar.

Algo merece ser destacado: a preocupação com que alguns grupos apresentam na percepção destes alunos quanto a sua frequência na escola estão diretamente relacionados com a identificação dos mesmos grupos (ver tabela 1). Assim, é possível pensar numa organização e interesse por ambas as partes, escola e família, buscam soluções para uma melhor participação do jovem na escola, se a família não orienta, a escola fará seu papel, porém, se em casa não continua, tais situações ficam bem mais difíceis.

Analizando os dados coletados parte-se do seguinte princípio: além de outros fatores, parece ser que a didática aplicada na educação, na escola visitada, provavelmente, contribui para a evasão escolar. Pois o dever desta seria fazer com que os educandos atingissem a condição de sujeitos da história e não meros objetos ou expectadores dos acontecimentos. Portanto, a educação, ao não procurar desvendar o que se encontra por trás dos interesses do educando, acaba contribuindo para a evasão escolar.

A educação consiste na preparação do indivíduo para a vida, dotando-o das condições essenciais para lidar com os desafios de natureza social, econômica, política, humana, ecológica e outras que a vida lhe proporcionar. A educação deve também ser entendida como a apropriação do saber, do conhecimento ou das condições necessárias para o desenvolvimento de cada cidadão. Educar é instruir-se.

No decorrer desse estudo, realizou-se uma série de visitas em escolas públicas do ensino médio e fundamental. Em quase todas as escolas observou-se que havia dificuldade em parte dos estudantes em aprenderem o conteúdo que a professora transmitia. Atribui-se a essa dificuldade, em um primeiro momento, à maneira que esses conteúdos eram transmitidos e ao distanciamento deste com a realidade do corpo discente. A partir desse trabalho é possível refletir que o problema da evasão escolar, pelo menos nessa escola, é algo sistematizado e dependente da má organização e participação das instituições básicas de educação.

De forma geral, atribui-se à sociedade, o problema da Evasão Escolar. Uma sociedade em transição, em crise de valores definidos, em um constante *salve-se quem puder* generalizado. Uma sociedade que precisa ser repensada e definir suas prioridades. Investir em salários dignos que permitam menos miséria, em saúde, em saneamento básico e em educação. Uma sociedade que tenha como objetivo formar indivíduos respeitando-lhes a cidadania, atribuindo-lhes deveres, mas também, permitindo-lhe direitos que estruturam, social e educacionalmente, famílias e escolas atuantes e integradas com as comunidades onde se inserem.

As soluções apontadas aqui não são as únicas definidoras do assunto, devido à complexidade e importância social que o tema apresenta, mas, acredita-se que presente estudo poderá contribuir em direção de debates sobre o problema da evasão escolar com o objetivo de aprimorar práticas e concepções a respeito da causa referente ao tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EQUIPE DO CENPEC. (2001). Aceleração de Estudo: Enfrentando a Evasão no Ensino Noturno. São Paulo; ed. Summus.

Formiga ,N. S. (2001). Família –Escola e a sua base na formação dos valores humanos: Uma resposta aos problemas do rendimento escolar e as relações entre as pessoas: Comunicação Oral. Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Francisca Assunção Cunha. (24 de Abril de 2001).

Formiga ,N. S. (2002). O Bom aluno e a prática participativa. Jornal do Tocantins. Palmas, maio de 2002.

Formiga, N. S. (2002). Os indicadores do bom estudante e sua relação com os endogrupos diários: Perspectivas para uma prática educativa participativa. Revista Psicologia Argumento, 20 (31), 21-27.

Formiga, N. S., Queiroga, F. & Gouveia, V. V. (2001). Indicadores do bom estudante: Sua explicação a partir dos valores humanos. Revista Aletheia, 13 (1), 63-73.

Inoue, A. A., Migliori, R. F. & D’Ambrosio, U. (1999). Temas transversais e educação em valores. São Paulo: Peirópolis.

Libaneo, J. C. (1994). Democratização da Escola Pública: Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos. São Paulo: ed Loyola.12ªedição, (Coleção Educar).

Neves, M. A. M. O Fracasso Escolar e a Busca de Soluções Alternativas. Rio de Janeiro: ed Vozes , 2ªedição.

Pimenta, S. G. (1991). O Pedagogo na Escola Pública. São Paulo: ed Loyola, 3ª edição. (Coleção Educar).

Setúbal, M. A. (2001). Educação básica no Brasil nos anos 90: políticas governamentais e ações da sociedade civil. São Paulo : CENPEC.

Setubal, M. A. (1997). Escola como espaço de encontro entre políticas nacionais e locais. Caderno de pesquisa, 102, 121-133.

Setubal, M. A. e cols. (1995). Currículo e autonomia de escola. Idéias [FDE], 26, 151-159.

Valente, M. L. C. (1995). Fracasso Escolar: Problema de Família. São Paulo: Arte e Cultura. (Universidade Aberta).